

A esquerda se une

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — O crescimento do candidato Luiz Inácio Lula da Silva nas pesquisas é o principal e mais novo tema das reuniões que deputados de esquerda vêm realizando em Brasília, há pelo menos 20 dias. São de 25 a 30 deputados do PMDB, PSDB, PT, PDT e PSB, que chegaram a uma conclusão: é importante despejar votos num candidato de esquerda já no primeiro turno, para evitar que o segundo seja disputado por dois representantes da direita, como Collor de Mello, do PRN, e Afif Domingos, do PL. A questão é definir quem será — e quando — o beneficiário da articulação de esquerda.



A jovem esquerda tem a mania de consumir mais tempo em discussões do que em ações. Também tem a mania de produzir documentos de compromissos. Por isso, os parlamentares se dividiram em grupos menores para elaborar, por assuntos, uma espécie de planilha com propostas estratégicas para o futuro governo. Eles explicam que não querem aderir de graça a um candidato, mas apoiá-lo em troca de compromissos relacionados, por exemplo, com a dívida externa e a dívida social.

Os candidatos considerados progressistas e, portanto, aptos a receber o apoio em massa de parlamentares de esquerda são Lula, do PT, Leonel Brizola, do PDT, e Mário Covas, do PSDB. O comunista Roberto Freire não foi relacionado. Na primeira grande reunião da esquerda suprapartidária, no apartamento do deputado Vilson Souza (PSDB-SC), há cerca de 20 dias, tudo levava a crer que o movimento renderia dividendos para a campanha de Brizola.

Naquele momento, o segundo turno parecia moldado para o embate Collor-Brizola. Nos últimos dias, contudo, as coisas mudaram um pouco. Brizola está estacionado, senão registrando leve declínio. Lula pegou embalo. Em cima do tabuleiro das pesquisas (que eles sempre dizem rejeitar), os deputados parecem deslocar suas peças de Brizola para Lula, com o sonho de alguns tucanos de chegar ao final com Covas à frente. "Brizola tem rejeição. O PT tem rejeição. Mas, se Covas dispare, ele não cai", diz, por exemplo, Luiz Carlos Sigmaringa Seixas (PSDB-DF).

Um apoio conjunto desses parlamentares de esquerda, ainda no primeiro turno, significa para muitos deles a rejeição automática ao candidato oficial de seus partidos. Isto torna a operação mais delicada e a tal planilha de compromissos mais oportuna. No caso da esquerda do PMDB, que se recusou a uma aliança com os tucanos no início do processo eleitoral, para tentar o controle do velho PMDB, a discussão da atual posição esbarra até em limites éticos. Como abandonar Ulysses agora?

"O criminoso seria deixar dois candidatos de direita sozinhos no segundo turno", reage Chico Pinto (PMDB-BA), que ontem, por exemplo, recebeu em sua casa o candidato a vice de Brizola, Fernando Lyra. Chico Pinto garante que já recebeu a garantia do presidente do PDT, Doutel de Andrade, do líder do partido na Câmara, Vivaldo Barbosa, e agora do próprio Lyra de que, se o candidato mais forte às vésperas de 15 de novembro não for Brizola, os pedetistas apoiarão um novo nome.

Essa, entretanto, é uma grande dúvida no meio dos articuladores do movimento de esquerda. Será que a tese da união em torno de um só candidato, que agrada tanto ao PDT, agora, continuará agradando se Lula ou Covas estiverem na frente de Brizola no início de novembro?